

## DESAJUSTES SOCIAIS GERAM VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Denize Cureau Micchuanski<sup>1</sup>  
Eneida Nóbrega Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** *Preservando o direito de todo cidadão Ter assegurada sua formação pessoal e educacional, a Lei de Diretrizes e Bases norteia seus objetivos para uma escola que assegure esses pressupostos.*

*Porém a realidade do cotidiano escolar tem demonstrado todo o tipo de carência, culminando constantemente com atitudes de violência de toda ordem gerando medo e insegurança. Entretanto jamais ofusca a vontade de mudança e a expectativa de um futuro mais promissor a nossa juventude, tendo como base o compromisso do professor como agente de mudanças, e a valorização da escola como ponto de inserção do homem no mundo do conhecimento e da crítica, concretizando o verdadeiro significado de cidadania.*

A escola surgiu com a finalidade primordial de aprimoração do homem, como ser dotado de capacidade de raciocínio, de inteligência, de poder, visando um domínio de classes, nas quais o fator aquisitivo, somado ao domínio da igreja, exercia um poder seletivo sobre os desabonados, que não tinham o direito de frequentá-la.

<sup>1</sup> Denize Cureau Micchuanski, professora da FACIBEL (Francisco Beltrão - Pr), na área de Matemática e Estatística. Mestranda em Educação Matemática pela Faculdade de Palmas - Pr.

<sup>2</sup> Eneida Nóbrega Souza, professora da FACIBEL (Francisco Beltrão - Pr), na área de Ciências Biológicas. Mestranda em Educação e Saúde pela Faculdade de Palmas - Pr.

Faz Ciência	Francisco Beltrão	v.2	nº 02	p. 137-142	1998
-------------	-------------------	-----	-------	------------	------

Ao longo dos anos foram ocorrendo mudanças na estrutura social, as quais oportunizaram a frequência de uma parcela maior da população de um grande número de adolescentes e adultos até chegar ao cume de possibilidades de educação igual para todos, oficializada pela Lei Nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor a partir de sua publicação no diário oficial da União de 23 de Dezembro de 1996., como dever da nação imprescindível a todos cidadãos.

A educação básica trata de uma importante conquista no sentido de se encaminhar em direção de um verdadeiro sistema nacional de educação abrangente e universalizado, capaz de garantir a plena escolaridade a toda população do país.

A educação escolar deve se vincular ao mundo do trabalho e a prática social. Quanto aos princípios e fins da educação, a lei repete os artigos 205 e 206 da Constituição Federal, acrescentando os princípios da “valorização da experiência extra-escolar” e “Vinculação entre educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”

A escola deve ser o local onde o cidadão desenvolve seus valores éticos, morais, políticos, profissionais, filosóficos e sociais. A luta pela sobrevivência, pelos direitos, pela cidadania, deve ser objeto de discussão nos bancos escolares. Neste aspecto a escola é vista como parâmetro delimitador de atividades políticas e sociais aliadas a atividades científicas, onde o conhecimento é a base para uma forte estrutura política e social. De acordo com a LDB deve se configurar um sistema Nacional de Educação, abrindo caminho para a construção de uma escola comum em todo o território nacional, unificada pelos mesmos objetivos, organizada sobre normas comuns e regida pelo mesmo padrão de qualidade.

Dentro deste contexto seguindo o raciocínio de Freud apud Dreifuss ( 1993 : 67):

*“a atividade política é caracterizada, em 1º lugar, pelo fato de que acontece dentro de um território delimitado.*

*Suas fronteiras não precisam estar estruturalmente demarcadas, podem ser variáveis, mas sem a existência de um território individualizando o grupo, não pode haver política”*

A maior prova de que política se faz na escola, e que tanto os professores como os alunos tem poderes de decidir o futuro da sua escola é observado por Gilberto Demenstein num artigo na folha de São Paulo de 18/04/98, sobre violência nas escolas, onde observa-se que numa região marcada por batalhas de gangues, um prédio consegue o milagre da intocabilidade. É uma escola protegida por um pacto de grupos rivais para que os alunos possam estudar em paz.

A sensação de respeito é devido ao notável esforço da escola. Sentindo-se valorizados e estimulados a crescer, os alunos prosperam, abrem novas perspectivas saindo do círculo vicioso da marginalidade.

Esse reconhecimento de valores segundo Weber apud DREIFUSS (1993), pode extrair de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade face a outros grupos. Embora essas oportunidades tenham sido ofertadas de maneira igualitária, desde suas raízes foram surgindo fatores que desencadearam graves problemas hoje enfrentados pela escola, como estruturais (físicos), mão-de-obra qualificada, material didático utilizado, carência de recursos para investimentos, somado a violência, ao desrespeito, as depredações gerados pelos mais diversos desajustes sociais sofridos pela comunidade como um todo. A barbárie das escolas hoje é explicável em boa parte pelo crônico desrespeito. O estudante de escola pública é, na prática, qualificado de imprestável ao repetir tantas vezes o ano.

Se antes, na escola, havia busca de poder e ascensão social, hoje as exigências ligadas a globalização, a evolução tecnológica, a competitividade, levam o homem a buscar outros interesses na escola, que venham a não apenas obter aquisição do conhecimento como fator limitante, mas obter uma visão do ser como integrante

de um processo humano ligado as habilidades emocionais ao trabalho e a prática social, que lhe permitam ter diferentes visões de um mundo abrangente, gerando múltiplas capacidades. Como observamos em Sodré (1996 : 58):

*"... A ordem social não se pauta pelo imprevisível ou pelo incontrolável, mas por condições capazes de ensinar o controle razoável das ações e de assegurar hegemonia coletiva, considerando que Poder é o nome que dá a capacidade de administrar esse controle de realizar efeitos de determinação ou de realidade socialmente reconhecíveis. ... querer e fazer.. Na medida em que conquista meios para afirmar sua autonomia diante das determinações grupais ou para aumentar a sua capacidade de ação, o sujeito desenvolve o seu poder que é a VONTADE..."*

Contrapondo-se a toda essa busca do novo paradigma da educação, a escola luta contra inúmeras barreiras como: desvalorização de professores, unificação de currículos não adequados as diferentes regiões, métodos de avaliações baseados em treinamentos e não em aquisição de conhecimento, evasão escolar e repetência, entre tantos outros. Como tudo isso passaria oculto em outras instituições que não sejam de caracter público, a escola jamais passará despercebida frente aos olhos atentos de uma população ansiosa pela mudança, buscando na escola, como última instância, o refúgio dos desajustes sociais.

Para melhorar este quadro desolador é necessário apenas da vontade política de nossos governantes, como afirma a secretária de Educação de São Paulo, " *A escola é uma fonte de violência ao negar a prosperidade*", com base nesta afirmação a secretária teve a ousadia de trocar a repetência pela recuperação.

Os desajustes sociais geraram a violência incrível que adentrou as escolas, a comercialização de drogas, a morte por prazer, as rivalidades, os acertos de gangues, etc...

Será que existe uma explicação convincente para tudo isto? A escola está desenvolvendo sua verdadeira função? A cultura da sobrevivência justifica as atitudes animais do homem dito racional? Estamos seguros que é ideal as escolas estarem guarnecidas por seguranças, cadeados nos portões, sistemas de alarmes por todos os lados? O governo deve somar a seu orçamento custos com reformas resultantes de depredações, com vidros, pichações e destruição de carteiras? É aceitável que os professores se dirijam as escolas estressados pelo medo de agressões, revoltas e vinganças contra a estrutura escolar? Todos estes questionamentos geram, com certeza, o mais amplo de todos: A escola está sendo o local de pleno desenvolvimento da cidadania?

Mesmo que a LDB determine em seus artigos, incisos e parágrafos, ao menos na teoria todo o processo, ditando as regras de quem deve educar, o por que de educar e para que educar, bem como as prioridades do ensino na formação profissional das pessoas, todos estes direitos não nos garantem a imunidade da violência escolar.

Analisando esses fatores conclui-se que um dos responsáveis por tudo isto é a própria escola, que numa omissão inconsciente reproduz os mesmos domínios de sua origem, porém mascarada de evoluída. As escolas onde o caminho traçado foi embasado no respeito mútuo, na construção coletiva, envolvendo a comunidade como somatória nas decisões internas da escola, aliada a um perfil do professor portador, além do conhecimento, de qualidades emocionais, afetivas e políticas, essa escola é reconhecida, admirada, preservada e imunizada contra as agressões do meio onde ela esta inserida e de toda a comunidade escolar.

Segundo Demo (1996: 21) : *"Construir a capacidade de construir e de participar é a qualidade humana primordial. Esta deve ser a verdadeira razão da existência da escola"*

Para Weber apud, DREIFUSS (1993): Luta e comunidade são, portanto, interesses relativos; a luta se realiza de modo muito diverso, segundo os meios ( violentos ou pacíficos) e os maiores

ou menores acatamentos na sua aplicação. E por outro lado, a ordem da ação social, qualquer que seja a sua natureza, deixa de pé, como sabemos, a seleção de fato na disputa dos vários tipos humanos pelas suas possibilidades de vida.

A mistura da liderança de professores apaixonados pela transmissão do saber, e capazes de sensibilizar a comunidade para a importância da educação é a grande chave para o desenvolvimento social do país. Não há projeto de país que se sustente sem uma educação comprometida com a valorização do homem, respeitando seus limites especialmente na base de sua cultura que se completa na sala de aula, espaço fundamental na plena formação da cidadania.

#### Referências bibliográficas

1. DREIFUSS, René. **Política, poder, estado e força. Uma leitura de Weber.** Petrópolis: Vozes, 1993.
2. DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade.** Papirus, 1996.
3. SODRÉ, Muniz. **Reinventando @ Cultura. A comunicação e seus produtos.** Petrópolis: Vozes, 1996.
4. DIMENSTEIN, Gilberto. **Experimente a Ignorância e veja quanto ela custa.** Folha de São Paulo, 19 de Abril de 1998.